

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

CEAUCP – Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto

JORGE DE OLIVEIRA e ANDRÉ CARNEIRO

CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora

CLÁUDIA TEIXEIRA

CECHUC – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

## INSCRIÇÃO VOTIVA EM LÍNGUA LUSITANA

(ARRONCHES, PORTALEGRE)

“Conimbriga” XLVII (2008) p. 85-102

**RESUMO:** Propõe-se leitura, interpretação e integração histórica da epígrafe redigida em língua lusitana, proveniente de uma herdade dos arredores de Arronches. Documenta o sacrifício de animais, designadamente de dez ovelhas, a divindades indígenas – *Banda, Reva, Munis, Broeneia...* – cujos nomes se fazem acompanhar de epítetos, um dos quais repetido com grafias diferentes (em dativo, *Haracui, Aharacui, Harase*), passível de relacionar-se com o topónimo actual, Arronches. Na segunda parte, os três dedicantes, que poderão identificar-se como criadores de ovelhas, suplicam às divindades que lhes aceitem os sacrifícios. Considera-se muito viável a hipótese de relacionar esta e as outras epígrafes em língua lusitana – de Lamas de Moledo e Cabeço das Fráguas – com as rotas da transumância logo nos primórdios da dominação romana.

**RÉSUMÉ:** On propose la lecture, l'interprétation et l'intégration historique d'une épigraphe écrite en langue dite «lusitanienne», trouvée tout près de la ville d'Arronches, au nord de l'Alentejo (Portugal), au territoire de la province romaine de la *Lusitania*. Le texte semble documenter le sacrifice d'animaux, notamment de dix brebis, à des divinités indigènes – *Banda, Reva, Munis, Broeneia...* – dont les noms se font accompagner d'épithètes, l'un desquels répété avec des graphies dif-

férentes (au datif: *Haracui, Aharacui, Harase*), passible d'être mis en relation avec le toponyme actuel, Arronches. Il y a une seconde partie, où (paraît-il) les trois dédicants – des éleveurs de brebis? – prient les divinités de leur accepter leur sacrifice.

On considère très viable la possibilité de cette inscription – aussi comme deux autres écrites dans la même langue (trouvées à Lamas de Moledo e à Cabeço das Fráguas) – faire part des rites liés à la pratique de la transhumance au début même de l'occupation romaine de la Lusitanie.

## INSCRIÇÃO VOTIVA EM LÍNGUA LUSITANA (ARRONCHES, PORTALEGRE)\*

Foi descoberta nas imediações de Arronches e depois reutilizada numa lareira da própria vila norte-alentejana, uma laje com letras datável dos primórdios da ocupação romana.

Felizmente que o proprietário, ao remodelar a casa, considerou que ela ficaria bonita montada na fachada da casa e não a destruiu. Por feliz acaso, o Doutor Jorge de Oliveira foi alertado para a descoberta e convenceu o proprietário a mantê-la fora da parede. Quando se deparou com ela, verificou de imediato o seu grande interesse histórico e comunicou o achado ao Dr. André Carneiro e ambos associaram ao trabalho de decifração a Dra. Cláudia Teixeira.

Teve o Doutor Jorge Oliveira a gentileza de enviar a José d'Encarnação as excelentes fotos que lograra fazer e as reflexões que ora aqui se apresentam – fruto da reflexão conjunta dos quatro signatários – destinam-se a dar a conhecer, numa primeira mão, a importância do documento, sublinhando-se, porém, que se encara a possibilidade de vir a fazer-se um estudo mais exaustivo da peça.

### O contexto arqueológico

Seguramente um dos aliciantes para as múltiplas perspectivas de leitura que esta epígrafe oferece relaciona-se com a possibilidade de conhecermos, com alguma segurança, o seu local de proveniência.

A peça terá sido recolhida em ponto indeterminado, mas integrado no vale da Ribeira da Venda, pequeno curso de água afluente do rio Caia, em área situada a norte da vila de Arronches. A propriedade designa-se “Monte do Coelho” e foi aquando de obras de beneficiação

---

\* Este estudo enquadra-se, pela parte de José d'Encarnação, no projecto FERCAN (*Fontes Epigraphici Religionis Celticae Antiquae*), do CEAUCP.

realizadas no edifício que a pedra terá sido identificada; mas, originalmente, havia sido recolhida em terrenos mais a norte, entre este local e o Monte da Freirinha.

Trata-se de paisagem relativamente acidentada: um vale pouco cavado, abundantes recursos hídricos, com fontes e nascentes, onde, embora sem elevações proeminentes, se desfruta de ampla visibilidade, em especial para sul, na direcção de Arronches. Área de solos sem particular aptidão agrícola, ainda hoje o terreno é mais utilizado para a pastorícia do que para a agricultura. Um pouco mais para norte, no Monte dos Fartos, encontram-se abundantes vestígios de mineração de cobre, possivelmente de época romana, em zona onde aliás também estão presentes alguns monumentos megalíticos.

O elemento mais interessante, todavia, reside no tipo de povoamento que esta pequena zona parece ter albergado em época romana. Na realidade, percorrendo o vale, encontramos, ao longo de considerável extensão – quase dois quilómetros – manchas de concentração de materiais arqueológicos, descontinuadas entre si. Em todo o vale, e em observação preliminar, foram recenseados pelo menos dez pontos, com situações muito semelhantes entre si: ocorrência de manchas de cerâmica de construção, por vezes com uma concentração mais densa, mas sempre com áreas de dispersão não superiores a 500 m<sup>2</sup>, ou seja, pequenos pontos circunscritos. *Tegulae* e *imbrices*, de fabrico pouco cuidado, sempre muito fragmentados, por vezes reincorporados em muros e pequenas construções, onde também é evidente a presença de pedras do substrato geológico local com sinal de preparação para inclusão em construção, embora nunca com vestígios de argamassas. Neste quadro pouco esclarecedor avulta a presença de um silhar com marcas de fórceps, deslocado do seu contexto original. Em nenhum caso foi encontrado outro tipo de materiais, como cerâmicas comuns ou de importação.

Junto ao Monte da Vendinha, mais concretamente na plataforma imediatamente a sul, encontra-se uma mancha maior e mais concentrada, com cerca de 1000 m<sup>2</sup>, na qual existe acentuada aglomeração de cerâmica de construção (*imbrices* e *tegulae* em bom estado de conservação), fragmentos de *dolia* (bordos e fundos) e notícia de recolha de elementos de mó. Possivelmente provém deste local o peso de lagar que se encontra junto às casas agrícolas.

Para norte, o panorama mantém-se semelhante ao anteriormente descrito: manchas pouco concentradas de cerâmica de construção, dis-

persas pela paisagem. Como novidade, temos apenas a informação oral de haver sido recolhido um tijolo de quadrante.

Em resumo, um quadro de povoamento disperso, de difícil caracterização pela ausência de dados mais concretos do ponto de vista tipológico ou cronológico. De marcada rusticidade, poderemos estar perante uma estrutura de tipo aldeia, com pequenos pontos ao longo de uma considerável extensão, ou em alternativa (mas menos verosímil), perante núcleos muito secundários na periferia de uma *villa* situada em implantações mais propícias. Seguramente que a actividade principal estaria dedicada à vigilância e apoio a actividades pastoris.

## Descrição

Trata-se de uma laje de grauvaque, cuja superfície epigrafada terá sido previamente alisada para receber a epígrafe, mantendo-se, porém, a irregularidade do conjunto que, como a fotografia mostra, apresenta tendencialmente a forma de um hexágono muito 'esticado' em altura. A retaguarda não foi minimamente afeiçoada. Tudo aponta, pois, para um contexto arqueológico inicial rural, imaginando não só a colocação da laje num local aonde a população se ajuntasse para honrar os seus deuses em determinadas épocas do ano, hipótese que também se põe para Lamas de Moledo, Cabeço das Fráguas e para o altar identificado em Marecos (Penafiel), testemunho de um solene ritual agrário, ligado ao ciclo da vegetação e da reprodução animal.<sup>1</sup>

Dimensões: 88 x 75 x 3,5.

Lemos:

[- - - - -] XX • OILAM • ERBAM  
 HARASE • OILA • X • BROENEIAE • H  
 [... ]OILA • X • REVE AHARACVI • T • AV [... ]  
 IEATE • X • BANDI HARACVI AV [... ]  
 5 MVNITIE CARIA CANTIBIDONE •

<sup>1</sup> Cf. *Hispania Epigraphica* (=HEp) 6 1996 n° 1069, citando Patrick LE ROUX, «Cultes indigènes et religion romaine en Hispanie sous l'Empire», *L'Afrique, la Gaule, la Religion à l'Époque Romaine. Mélanges à la mémoire de Marcel Le Glay...* Bruxelles, 1994, p. 560-567. Pode ver-se a respectiva ficha in RIBEIRO (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, p. 371, foto na p. 372.

APINVS • VENDICVS • ERIACAINV[S]  
 OVOVIANI [?]  
 ICCINVI • PANDITI • ATTEDIA • M • TR  
 PVMPI • CANTI • AILATIO

Altura média das letras: 2,8. Espaços: 1: 4,5; 2-5: 2; 6: 10; 7: 3; 8 e 9: 2; 10: 36.

A paginação é cuidada, se atendermos, de modo especial, à regularidade dos espaços interlineares, à pontuação e ao cuidado posto na gravação (por goiva). O texto ocupa o espaço disponível no sentido da largura e, na altura, houve a preocupação de o situar na parte superior da laje, o que dá a perceber que não seria para colocar em posição acima do olhar normal. Há um espaço vazio entre as linhas 5 e 6, certamente – como adiante se dirá – para dar uma ideia de separação de conteúdos, o que é, para já, de muito realçar, uma vez que daí se depreende uma cultura epigráfica não despidianda. Essa segunda parte do texto dá a sensação de seguir um eixo de simetria, impressão acentuada pela palavra única que ocupa a l. 7.

Os caracteres são actuários – outra coisa não seria de esperar, aliás, num suporte grauváquico... – e gravados com cuidado: barras horizontais breves; letras (como o A, o M, o N...) bem largas; B assimétrico e grafado em apenas dois movimentos; P aberto; R feito a partir do P. Se outros dados não houvera, a paleografia apontava, desde já, para os primórdios do séc. I da nossa era.

### **Leitura e hipóteses de interpretação**

A principal dificuldade reside no facto de todo o texto apresentar palavras estranhas ao vocabulário habitual em inscrições romanas. Contudo, pode, desde logo, garantir-se que a epígrafe se filia, sem sombra de dúvida, na tipologia de monumentos de que o penedo de Lamas de Moledo (Castro Daire) é exemplo paradigmático para a Lusitânia. Lá, como aqui, refere-se a oferta de vítimas a divindades de carácter indígena, local. O mesmo sucede na epígrafe – também em língua dita “lusitana” – achada em Cabeço das Fráguas (Sabugal). Uma terceira epígrafe, de Arroyo de la Luz (Cáceres), de teor idêntico

às duas anteriores, só é conhecida através de uma cópia de finais do século XVIII.<sup>2</sup>

De Arroyo de la Luz proveio um outro fragmento inscrito e Francisco Villar e Rosa Pedrero deram a conhecer uma terceira inscrição daí procedente.<sup>3</sup> Reconhecem, porém, que se trata de um texto de teor completamente diferente dos de Cabeço das Fráguas e Lamas de Moledo: as lápides foram, ainda que rudimentarmente, preparadas para receber a epígrafe e não parece haver uma relação com divindades indígenas; por outro lado, a única palavra que coexiste é *loemina/loiminna*, palavra cuja natureza se ignora, não podendo sequer assegurar se é teónimo ou epíteto teonímico. E acrescentam:

«El único rasgo lingüístico de una cierta especificidad que nos permite pensar que los epígrafes meridionales (AL I-II, III) y los septentrionales (Lamas de Moledo y Cabeço das Fraguas) están redactados en la misma lengua es el elemento *indi*, generalmente tenido por la conjunción copulativa» (p. 670).

São, pois, com a epígrafe de Arronches, cinco os textos de que há notícia escritos em língua dita «lusitana».

Mas vejamos, linha a linha, o que se nos oferece dizer sobre o texto de Arronches.

### **Linha 1**

Não parece ter havido uma outra linha para além daquela que primeiro se vê e de que apenas se tem maior enleio no que concerne a uma primeira palavra que poderá ter umas oito letras. A seguir, retirando a hipótese AM, afigura-se possível ver XX.

<sup>2</sup> Cf., sobre estas epígrafes, entre outros, os seguintes estudos (que indicam bibliografia anterior): UNTERMANN (Jürgen), «A epigrafia em língua lusitana e a sua vertente religiosa», in RIBEIRO (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, p. 67-70; CURADO (Fernando Patrício), «A “ideologia tripartida dos indoeuropeus” e as religiões de tradição paleohispânica no Ocidente peninsular», *ibidem*, p. 71-77; e também, de João L. Inês Vaz, «Divindades indígenas na inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire – Portugal)», *Beira Alta* 47 (3-4) 1989 345-358.

<sup>3</sup> FRANCISCO VILLAR e ROSA PEDRERO, «La nueva inscripción lusitana: Arroyo de la Luz III», in VILLAR (Francisco) e FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M.ª Pilar, *Religión, Lengua y Cultura Prerromanas de Hispania*, Salamanca, 2001, 663-698.

Depois, OILAM (o L em forma de lambda) perfeitamente definida entre dois pontos circulares e bem centrados – como, aliás, acontece em todo o texto. É termo conhecido justamente do penedo de Lamas de Moledo e tem-se-lhe atribuído o significado de «ovelha»; será, mui provavelmente, uma forma do falar quotidiano para dizer *ovicula*, «ovelhinha».

Segue-se-lhe ERBAM: <sup>4</sup> tanto o R como o B sofreram algum desgaste, mas reconstituem-se sem dificuldade; o M, largo como o de OILAM, também parece não oferecer dúvidas de leitura. Na epígrafe de Arroyo de la Luz existe a palavra ERBA,<sup>5</sup> sendo interpretada como «ovelha de erva», já criada. Neste caso, teríamos um adjectivo de *oilam*, ambos no acusativo; e o numeral XX anterior referia-se à palavra em falta.

## **Linha 2**

A l. 2 lê-se bem, sendo a única dúvida o final onde, em vez de H, se poderia também ler II, cujo significado, no entanto, nos escaparia. A hipótese H afigura-se-nos mais plausível.

*Harase*, provável dativo de uma forma em –a, *Harasa*, é, seguramente, um teónimo quer em forma adjectival quer substantiva. Quiçá vocábulo de raiz indoeuropeia,<sup>6</sup> poderá ter algo a ver com formas existentes em grego: *aresis*, no sentido de ‘ajuda’, ‘súplica’; e o verbo *aráso*, com o significado (real e figurado) de ‘ancorar’. Poderia, pois, este númen ser invocado em casos de quebra da fertilidade agrícola e/ou

---

<sup>4</sup> A princípio, parecera-nos ET BAN, eventual começo do teónimo *Banda*; uma observação mais cuidada da pedra retirou tal possibilidade. Rejeitámos a hipótese EBRA, “ovelha negra”, o que em contexto religioso e eventualmente oracular poderia ter uma carga acrescida. Também colocámos de parte a possibilidade de o M final de OILAM se interpretar como numeral, não só porque há a bastante plausível concordância com *Erbam* mas também porque temos, antes, o numeral XX.

<sup>5</sup> Cf. Antonio TOVAR, «L’inscription du Cabeço das Fráguas et la langue des Lusitaniens», *Revue des Etudes Celtiques* XI 1966-1967 p. 243 (nota 2), que dá a versão de Gómez-Moreno. A palavra *erba* surge na l. 4.

<sup>6</sup> María de Lourdes Albertos cita o antropónimo *Haericus*, provavelmente indoeuropeu, mas, ao que parece, trata-se de uma leitura que não foi seguida: cf. ALBERTOS FIRMAT, M<sup>a</sup> Lourdes, *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania (=O. Hisp.)*. Salamanca, 1966, p. 121.



pecuária? A possibilidade de ser, porém, uma variante da palavra *Haracui*, que vem a seguir, não nos parece despendida.

Se a leitura XX da l. 1 está correcta, fazendo uma comparação com esta l. 2, em que se lê OILA · X verosimilmente para indicar 'dez ovelhas', a *Harasa* se terá oferecido ou sacrificado *oilam erbam*, tal como em Cabeço das Fráguas se diz *oilam Trebopala*, «uma cordeira para Trebopala». Note-se, de passagem, que se confirma haver uma flexão em *-am* para o acusativo singular, enquanto o plural sugere uma forma neutra, em *-a*, ou um acusativo plural apocopado (*oila* por *oilas*).

*Broeneiae*, em dativo, identificaria outra divindade, até agora desconhecida, que poderia ter o epíteto *Haracui* (em dativo), que aparece adiante – por isso, aqui estaria em sigla. Não se encontram, à primeira vista, paralelos na nomenclatura pré-romana peninsular<sup>7</sup> e, se considerarmos que parece conter o radical *br-*, relacionável com o que existe em «broa», tal poderia indicar uma conotação de «pão», «fermento», «fertilidade» – ideias que, convenhamos, não ficariam mal nem no contexto nem em relação a uma divindade...

### Linha 3

Também aqui só o final nos causa alguma perplexidade: o T está claramente entre pontos e segue-se-lhe AV e poderia ainda ter havido uma letra mais, desaparecida com o esborcelamento. Se considerarmos que *Reve Haracui*, «a Reva Harácuo», se sacrificam igualmente dez ovelhas e que o mais verosímil é estarmos perante um dativo de tipo chamado «pré-céltico», com a terminação em *-cui*, identificado noutros teónimos,<sup>8</sup> tanto o T como AV deverão, de preferência, relacionar-se com a palavra da linha seguinte. De momento, sublinhemos que a divindade *Reva* surge aqui, mais uma vez, em contexto de ritual de sacrifício e com um epíteto que tudo leva a crer ser de carácter toponímico.

---

<sup>7</sup> Próximos somente os antropónimos *Broccius*, *Brocc(h)us*, *Brocina*... Cf. VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, p. 485, que, no entanto, tem algumas dúvidas sobre o carácter pré-romano desses antropónimos.

<sup>8</sup> Recordamos *Bandei Brialeaicui*, de Orjais (HEp 11, 2001, 659 = AE 1967, 135 = HEp 3, 1993, 470).

**Linha 4**

Na l. 4, a 1<sup>a</sup> letra parece um I e, depois do A bem largo, divisa-se um T bastante ténue; são claros os pontos a isolar o X, que deve entender-se, por isso, como numeral, à semelhança da l. 2. Se o T da linha anterior fosse uma sigla a identificar *taurum*, sugestão que se enquadraria no ritual da *suovetaurilia*, teríamos o sacrifício de dez touros *auf...Jieate*, ‘adjectivo’ estranho, sem dúvida, na nomenclatura habitual...

De notável é a presença indubitável de uma divindade conhecida, *Banda*, aqui com o dativo em *-i* e um epíteto tópico, precisamente o mesmo de *Reva*, o que vem confirmar o que sempre temos defendido de que são preferentemente tópicos os epítetos desta divindade.<sup>9</sup>

Interessará, pois, fazermos, desde já, uma pausa na nossa análise para nos interrogarmos acerca do possível significado do epíteto *Hara-cui*. E, ainda que situando-nos no domínio das conjecturas, as pistas que de imediato nos surgem são deveras aliciantes. Assim, verifica-se que a palavra *hara* poderá estar ligada ao mundo da pecuária: curral, chiqueiro de porcos; por outro lado, se apontarmos para um topónimo, torna-se aliciante ‘encontrar’ o termo na raiz semântica da vila de Arronches, ainda hoje considerada como a capital... do porco preto! Como se sabe, de acordo com o *Itinerário de Antonino*, teríamos nestas zonas uma *mansio*: *Ad Septem Aras...* Estaria, sem dúvida, entre Arronches e Campo Maior, talvez por alturas de Degolados, onde importantes testemunhos da época têm sido encontrados.<sup>10</sup> E um pouco mais para oeste situa-se... Arronches!

---

<sup>9</sup> Cf. ENCARNAÇÃO (José d’), «Banda, uma importante divindade indígena», *Conimbriga* 12 1973 199-214; e «Divindades indígenas da Lusitânia» *Conimbriga* 26 1987 5-37 (sobretudo p. 10). É já abundante a bibliografia sobre esta divindade, cujo epíteto varia de lugar para lugar ou consoante o grupo populacional de que é númen protector. Os trabalhos mais recentes de que temos conhecimento e onde há as referências a bibliografia anterior são, de Virgínia MUÑOZ, «La *interpretatio romana* del dios prerromano *Bandue*», *Veleia* 22 2005 145-152 e, de Blanca María PRÓSPER, *Lenguas y Religiones Prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Salamanca, 2002, p. 257-281, que considera este númen uma «divindade da paisagem».

<sup>10</sup> Cf. Jorge de ALARCÃO, «As estradas romanas de Portugal», *Encuentros sobre el Tajo: El Territorio y las Comunicaciones* (Cuadernos de San Benito – 3), Madrid, 1992, p. 67-75 (sobretudo p. 72); ou J. ALARCÃO, *O Domínio Romano em Portugal*, Mem Martins. 1988, p. 99.

Também aqui é a identificação da(s) letra(s) finais que traz problemas. Seguindo o ritmo do texto, AV identificaria a oferenda à divindade identificada a seguir. O que possa ser... desconhecemos.

### *Linha 5*

A primeira metade da l. 5 sofreu escoriações, ainda que a leitura apresentada nos pareça não carecer de revisão. O epíteto CANTIBIDONE, por ser conhecido, não ofereceu qualquer dificuldade. *Munitie* poderá ser, verosimilmente, uma variante de *Munidi* (em dativo), divindade tutelar igualmente referenciada noutros textos,<sup>11</sup> seguida, cremos, de dois epítetos: *Caria* e *Cantibidone*.

*Caria*, que se documenta aqui pela primeira vez, não soa, porém, a estranho. Em Arcos de Valdevez, documentou-se uma divindade para que, dubitativamente, se optou pela designação de *Carus*.<sup>12</sup> Recentemente, Juan Carlos Olivares Pedreño<sup>13</sup> pôs a hipótese – não muito verosímil, aliás – de ser essa uma abreviatura do conhecido epíteto de Marte, *Cariociecus*. Pensamos, com mais este exemplo de Arronches, que se deve optar, ao invés, por um nome divino, a aproximar, na verdade, de *Cariociecus* mas também dos *Lares Caiarienses*, como faz Blanca Prósper (o. c., p. 319), que alude, inclusive, a uma *via Cariensi*. Recorde-se que María Lourdes Albertos (o. c., p. 78-79) aproxima o radical *Car-* da forma indoeuropeia *\*karo-*, na comum significação de ‘querido’. Um adjectivo, valha a verdade, que quadra bem a uma divindade...

Quanto a *Cantibidona*, tivemos atestado pela primeira vez este nome divino em dois altares achados em Segura, Idanha-a-Nova (cf. HEp 4 1994 1042-1043). Aí vem precedida, em dativo, de duas palavras *Erbine Iaedi*, tendo-se interpretado *Cantibidone* na qualidade de adjectivo formado a partir de um topónimo, pois há testemunho, numa pequena placa de Niebla, da ocorrência da palavra *Cantibedonesi*, o que levou a pensar na existência de uma cidade *Cantibidonia* ou num

---

<sup>11</sup> Blanca María Prósper (o. c., p. 187-189) refere os testemunhos documentados na Península Ibérica e, com base na análise etimológica, atribui a este númen indígena uma característica de «divindade da montanha».

<sup>12</sup> Cf. ENCARNAÇÃO (José d'), *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo)*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1975, p. 156-157.

<sup>13</sup> Cf. HEp 12 2006 n.º 669 (com mais bibliografia).

território dos *Cantibidonenses*. Também aqui, em jeito de paralelismo, se poderiam aceitar, então, como identificando apenas uma divindade os três nomes *Munidi Caria Cantibidone*.

Pensamos que a laje de Arronches pode trazer nova luz sobre o culto à divindade e, também, novas considerações de índole linguística, nomeadamente se atendermos ao mais recente estudo, já citado, de Blanca Prósper (p. 215-220). Com efeito, esta investigadora prefere considerar como divindade 'principal' *Erbine*, sendo *Cantibidone* um epíteto de índole tópica: «CANTIBIDONE es, com toda probabilidad, una referencia al lugar de culto de la divinidad ERBINE, tal vez un santuario del pueblo de los igaeditanos cuya importancia y alcance desconocemos» (p. 217). Por consequência, mais do que um lugar, poderemos estar em presença de um 'povo' com várias divindades tutelares: aqui, *Munis*; em Segura, *Erbina*. Novas e aliciantes pistas, pois, a explorar – não só no que à teonímia diz respeito mas também à etnonímia e à investigação sobre territórios.

## **Linha 6**

Como já se referiu, o espaço deixado livre em seguida mostra que a segunda parte do texto não se liga directamente à primeira, tratando de um assunto diverso; por exemplo: a informação acerca de quem mandou executar o monumento, as circunstâncias em que foi erigido ou, ainda, informações de teor jurídico-administrativo ou de ritual...

Afigura-se-nos, todavia, que essa segunda parte começa pela identificação dos dedicantes, cujos nomes se lêem sem dificuldade (só há dúvida na terminação do terceiro nome). Optamos por três, atendendo a duas circunstâncias: a primeira, porque a morfologia dos vocábulos se coaduna melhor com o que conhecemos da estrutura onomástica pré-romana; depois, porque interpretamos no plural a palavra que surge isolada na linha seguinte, como que a qualificar os indivíduos identificados atrás.

*Apinus* é antropónimo com outros testemunhos já, inclusive na Lusitânia<sup>14</sup>, registando-se, por curiosa coincidência, a forma *Appinnae* em Lamas de Moledo (AE 1989 381).

---

<sup>14</sup> Cf. o *Atlas* atrás citado: p. 95, mapa 31; e J. M. VALLEJO, o. c., p. 159 (*et passim*).

*Vendicus* ainda não terá surgido atestado sob esta forma, que saibamos; contudo, um radical *vend-* é reconhecível em antropónimos como *Vendalo*, *Vendieci*, *Vendio*, *Vendiricus*,<sup>15</sup> pelo que será facilmente admissível, para mais com a terminação *-icus*.

*Eriacainus* é, por seu turno, o único nome para o qual se não encontra, de momento, palavra aproximável, ainda que seja aliciante, neste contexto, atribuir-lhe uma relação com a raiz, «atestada em quase todas as línguas indoeuropeias», *\*er-*, a que os celtistas atribuem a conotação de «chibo, cordeiro, vaca, gamo», na origem, «animais com cornos».<sup>16</sup>

### Linha 7

Na l. 7, há um vocábulo em posição central: *ovoviani*?

Uma aparente relação deste estranho vocábulo com *ovis*, «ovelha», poderia levar-nos a pensar que se trata de uma referência... 'profissional', os pastores ou os comerciantes de ovelhas. Trata-se, naturalmente, de mera hipótese; primeiro, porque pode haver dúvidas na leitura; depois, porque, independentemente de estarmos perante uma palavra de uso quotidiano e não epigráfico, não detém quaisquer paralelos conhecidos<sup>17</sup>.

Sugestiva é, porém, essa perspectiva, se atentarmos a uma eventual ligação com as rotas de transumância para a Beira Interior,<sup>18</sup> rotas que deixaram marcas toponímicas na paisagem arronchense, como “Canada”; ou, ainda, com a via atrás mencionada, de *Emerita* para *Olisipo*.

Apesar destas sugestões, constitui, sem dúvida, uma incógnita essa palavra, assim centrada, a mostrar, seguramente, que detém importância no contexto de toda a epígrafe.

<sup>15</sup> Cf. ABASCAL, o. c., p. 541.

<sup>16</sup> Cf. M. L. ALBERTOS, o. c., p. 116.

<sup>17</sup> FRANCISCO VILLAR (in *Indoeuropeos y no Indoeuropeos en la Hispania Prerromana*, Salamanca, 2000, p. 165) cita *Ovianus*, antropónimo. Foi o que encontramos de mais semelhante.

<sup>18</sup> Cf. Joaquín GÓMEZ-PANTOJA [coord.], *Los Rebaños de Gerion: Pastores y Trashumancia en Iberia Antigua y Medieval*, Madrid, Casa de Velázquez, 2001.

**Linha 8**

Na l. 8, *Iccinui* poderá relacionar-se com o antropónimo *Iccius* ou, ainda, com *Iconius*<sup>19</sup>.

*Panditi* (se, de facto, a primeira letra é um P aberto, como é hábito na epigrafia dos primórdios da ocupação romana) já oferece mais problemas no que concerne a paralelos, ainda que exista, em Latim, o verbo *pandere*, com o significado de ‘revelar’, ‘abrir’ (donde a nossa frase ‘velas pandas’...).

Dada a relativa frequência com que ocorrem antropónimos começados por *att-* na onomástica indígena (e não só), um feminino pessoal *Attedia* não parece de todo insustentável<sup>20</sup>.

O M que vem a seguir – se viesse depois um F e não o que nos parece claramente TR – deveríamos interpretá-lo como a sigla de um patronímico, de preferência a ver aí o numeral mil.

Baseando-nos, por outro lado, em semelhanças morfológicas e fonéticas, alicia-nos outra hipótese: relacionar-se *Iccius* com ícone, imagem; manter para a segunda palavra o significado de “abrir”, “revelar-se”, e, para a terceira, o de “atender”. Ou seja, veríamos aí uma súplica do género de: «Revelai-nos um sinal da vossa vontade», «Atendei às nossas súplicas através de um sinal».

**Linha 9**

Na última linha, o ‘segredo’ estará, verosimilmente, no sentido da palavra *ailatio*, que, a uma primeira abordagem, nos sugere, de preferência, um substantivo do tipo de *ratio*.

Acontece, porém, que temos bem documentado o antropónimo *Aelatius*: será que, por conseguinte, devemos inclinar-nos mais para um nome em dativo ou mesmo em ablativo (a indicar, neste caso, um agente da acção)?

Há, contudo, outra hipótese: poderá tratar-se de uma fórmula de fecho, terminando este contexto de uma súplica em desespero. Se *Pumpi* se referir a algo como “gravação” e *Canti* forem “cantos”, orações, *Ailatio* tem, por seu turno, em latim, um termo semelhante, a palavra *adlatio*, com o significado de canto; foneticamente, o gravador da pedra

<sup>19</sup> Cf. J. M. VALLEJO, o. c., p. 492 (de um radical *icc-*).

<sup>20</sup> São diversos os nomes de radical *Att-*: ver ABASCAL, o. c., p. 289-290.

poderia ter procedido a uma ligeira modificação no momento da escrita, como não é inusual: grava-se tendo em conta não tanto as questões gramaticais, mas a forma como os sons seriam emitidos. Sendo assim, *adlatio* poderia ter-se transformado em *ailatio* e teríamos – se não é fantasiar de mais... – um significado genérico de «passamos para a pedra este canto de alegria», «gravamos esta oração de júbilo», encerrando assim a súplica às divindades.

Outra hipótese seria vermos aí uma deformação de *adulatio*, veneração, o que ainda seria mais sugestivo, pois haveria um primeiro momento de formulário, padronizado, oferecendo às divindades um conjunto de animais, em contexto agrícola ou pecuário de crise, eventualmente originada por uma epidemia; a identificação dos dedicantes, pessoas ligadas ao mundo rural; e, hipoteticamente, uma fórmula final em que os dedicantes manifestam a sua dependência e vinculação à vontade das divindades, esperando um sinal de melhoria da sua situação, mas dedicando os seus sacrifícios com júbilo e alegria.

Confessamos que se trata de sugestão aliciante – a requerer aprofundamento, mormente do ponto de vista linguístico, pois estamos (insiste-se) perante uma língua não padronizada. Subsistem, na verdade, muitas dúvidas, que só o tempo e uma acurada análise poderão ir esclarecendo. Há, contudo, alguns dados que já se podem adiantar, para além da certeza de estarmos perante o testemunho da oferta pública, mediante certamente um ritual de sacrifício, de animais a divindades indígenas.

## Em jeito de conclusões

Esmiuçado, quanto nos foi possível, o texto de que em tão boa hora nos foi dado conhecimento, importa sintetizá-lo em leitura interpretada e dele apresentar uma proposta de tradução:

[...] XX (*viginti*) • OILAM • ERBAM / HARASE • OILA • X (*decem*) • BROENEIAE • H / OILA • X (*decem*) • REVE • AHARACVI • T • AV [...?] / IEATE • X (*decem*) • BANDI • HARACVI • AV [...?] / <sup>5</sup> MVNITIE • CARIA • CANTIBIDONE • // APINVS • VENDICVS • ERIACAINV[S] / OVOVIANI [?] / ICCINVI • PANDITI • ATTEDIA • M • TR / PVMPI • CANTI • AILATIO

*Para (...) vinte (...). Um cordeiro de erva para Harase. Dez cordeiros para Broineia H(arácu). Dez cordeiros para Reva Aharácuo.*

*Dez T(?) AV(?)IEATE para Banda Harácuo. AV(?) para Munícia Caria Cantibidone.*

*Os ovelheiros Apino, Vendico, Eriacaino.  
Revelai-nos a vossa vontade por um sinal.  
Gravamos esta oração de júbilo.*

Mais as perplexidades, portanto, que as certezas. Mas destas há algumas que podemos garantir, como dados verdadeiramente inovadores.

No que concerne à **religiosidade pré-romana**, atesta-se um ritual muito semelhante ao da *suovetaurilia*, sendo várias as divindades invocadas: *Banda*, *Reva* e *Munis*, quanto às já conhecidas; *Broe-neia*, jamais registada até ao momento. Divindades invocadas sob um epíteto seguramente tópico, *Haracui* ou *Aharacui* ou mesmo *Harase* (numa diferença de grafia que outras vezes se documenta em relação às divindades indígenas, fruto do ‘contágio’ da oralidade) ou, ainda, sob a forma de sigla – H. De realçar a novidade de nos parecer que o teónimo *Munis* vem grafado como *Munitia* e qualificado com dois epítetos, um (*Caria*) relacionável com outros teónimos indígenas, o segundo (*Cantibidone*) já documentado em relação a divindade conhecida, *Erbina*.

Poderão ser referidas na epígrafe outras vítimas, mas a que não parece oferecer dúvida é o cordeiro, em número de dez (o que também constitui uma novidade) e, expressamente, indicado como *erbam*, ou seja, se a nossa interpretação está correcta, como já estando em idade de pastar (não apenas ‘de leite’).

No domínio da **Linguística**, escusado será sublinhar quanto esta epígrafe, por estar redigida em língua considerada «lusitana» e por, na verdade, se ler sem grandes dúvidas, vai contribuir para esclarecer questões em aberto.

Como fonte para os **estudos históricos** propriamente ditos, o facto de, desta sorte, como que se fechar, pelo Sul, a zona atribuída aos Lusitanos, na sequência do que temos vindo a afirmar sobre a presença de onomástica ‘lusitana’ no Nordeste alentejano<sup>21</sup> – Lamas de

---

<sup>21</sup> Cf. José d'ENCARNAÇÃO, «A população romana do Nordeste alentejano», *Ias Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano 85 – Actas*, Castelo de Vide, 1987, 167-170.



Moledo a ocidente, Cabeço das Fráguas a norte, Arroyo de la Luz a oriente e Arronches a sul –, reveste-se, doravante, de importância relevante, a matizar o que Jorge Alarcão tem vindo a considerar o território deste ‘povo’.<sup>22</sup>

Aliás, nesse âmbito histórico, afigura-se-nos de interesse, pois vem no sentido do que acabamos de escrever, aduzir aqui o testemunho de Pedro Carvalho<sup>23</sup>:

«Nestas paisagens do interior norte da *Lusitania*, pastores e rebanhos percorreriam assim os caminhos que outros, com diferentes propósitos, trilhavam, ou então seguiam rumos que só a eles convinham. Alguns destes caminhos, mesmo os de curso mais longo, decalçariam outros mais antigos, outrora também frequentados por pastores e mercadores. A ancestralidade de movimentos e de práticas poderia inclusivamente justificar a sobrevivência em época romana de lugares de culto indígenas na proximidade desses trajectos (junto a mananciais ou em pontos dominantes na paisagem), como forma de propiciar a celebração dos indispensáveis rituais – com sacrifício de animais – que assegurariam a protecção de pessoas e gado<sup>24</sup>».

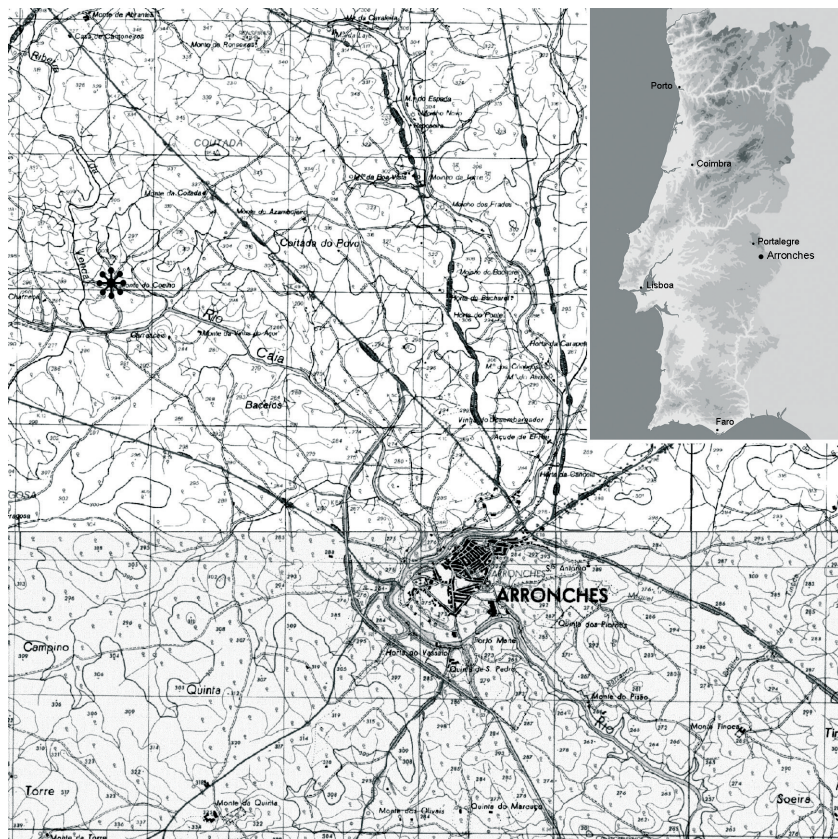
---

<sup>22</sup> Cf., entre outros, Jorge de ALARCÃO, “Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4 (2), 2001, p. 293-349.

<sup>23</sup> Pedro C. CARVALHO, *Cova da Beira – Ocupação e Exploração do Território na Época Romana*, Câmara Municipal do Fundão e Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007, p. 504.

<sup>24</sup> A este propósito, não podemos deixar de questionar se a leitura da inscrição rupestre do Cabeço das Fráguas, sobretudo aquela proposta recentemente por Prósper (2002: 56 – “uma ovelha à charca do povoado, um porco ao pântano [?], uma ... prenhe a \**Ekwonã*, deusa das pradarias, uma ovelha de um ano ao ribeiro do povoado e um bovídeo macho ... ao rio *Tre* [...]”), não sugerirá antes um ambiente religioso promovido por grupos pastoris – para o efeito, ter-se-á eleito um lugar junto a uma via (que correria ao longo do rebordo do planalto Guarda-Sabugal) e bem destacado na paisagem, a partir do qual se dominavam as áreas de pasto e os pontos de água que norteavam o movimento pendular dos gados. Noutro âmbito, e com as devidas reservas, podemos ainda questionar se o templo de Nossa Senhora das Cabeças (ou mesmo o suposto santuário que o terá precedido) não se encontraria posicionado num dos circuitos que encaminhariam os rebanhos desde o vale do Zêzere para as terras altas e cujo traçado poderá, eventualmente, perpetuar-se num troço de calçada que identificámos nas proximidades, já em plena serra, a caminho de Sarzedo ou Verdelhos.

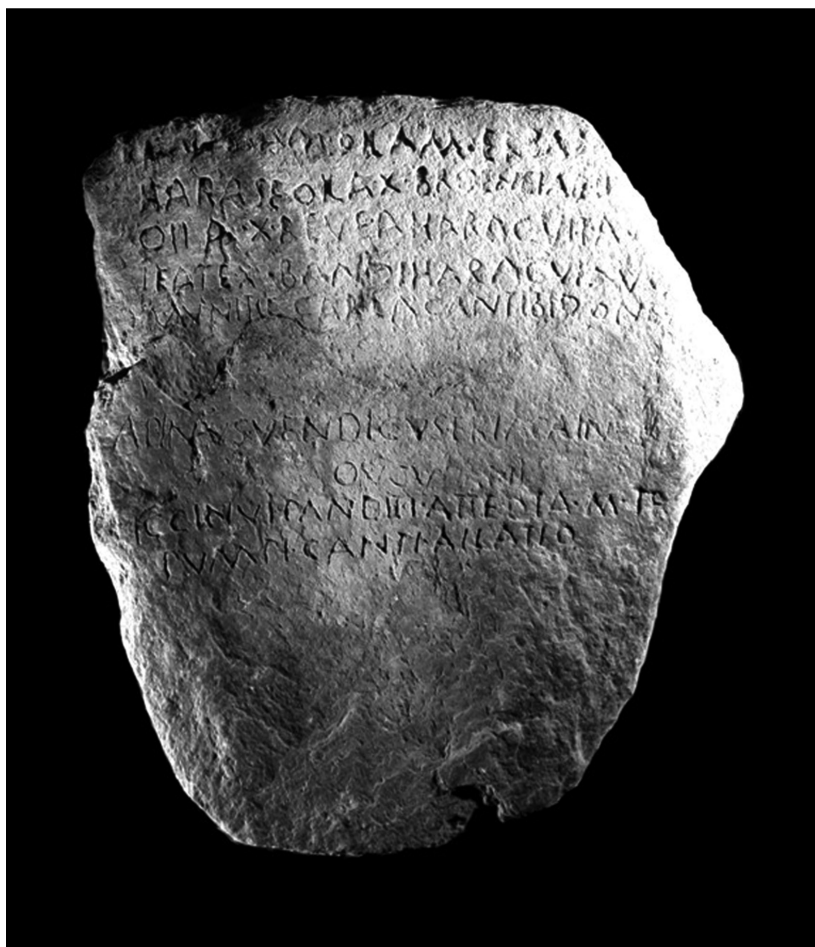
Em suma: um texto de teor religioso, ritual, datável – pela paleografia – dos primórdios dos tempos romanos na Lusitânia. Pelas dúvidas que suscita, pelas novidades que traz em termos de designação de divindades e, até, de outra terminologia ainda por decifrar – constituirá, seguramente, um dos achados epigráficos mais importantes dos últimos anos na epigrafia da Lusitânia romana.



CARTA MILITAR DE PORTUGAL / SCE / Esc.: 1:25 000 / FOLHA. 372 e 385

0 1 Km

*Local de achado da epígrafe.*



0 30 cm

Foto 1 – A epígrafe na sua totalidade (Foto de Jorge Oliveira).